

## A SEMANA – 223

6 de setembro de 1896\*

Qualquer de nós teria organizado este mundo melhor do que saiu. A morte, por exemplo, bem podia ser tão somente a aposentadoria da vida, com prazo certo. Ninguém iria por moléstia ou desastre, mas por natural invalidez; a velhice, tornando a pessoa incapaz, não a poria a cargo dos seus ou dos outros. Como isto andaria assim desde o princípio das coisas, ninguém sentiria dor nem temor, nem os que se fossem, nem os que ficassem. Podia ser uma cerimônia doméstica ou pública; entraria nos costumes uma refeição de despedida, frugal, não triste, em que os que iam morrer, dissessem as saudades que levavam, fizessem recomendações, dessem conselhos, e, se fossem alegres, contassem anedotas alegres. Muitas flores, não perpétuas, nem dessas outras de cores carregadas, mas claras e vivas, como de núpcias. E melhor seria não haver nada, além das despedidas verbais e amigas...

Bem sei o que se pode dizer contra isto; mas por agora importa-me somente sonhar alguma coisa que não seja a morte bruta, crua e terrível, que não quer saber se um homem é ainda preciso aos seus, nem se merece as torturas com que o aflige primeiro, antes de estrangulá-lo. Tal acaba de suceder ao nosso Alfredo Gonçalves, que foi anteontem levado à sepultura, após algum tempo de enfermidade dura e fatal.<sup>1</sup> Para falar a linguagem da razão, se a morte havia de levá-lo anteontem, melhor faria se o levasse mais cedo. A linguagem do sentimento é outra: por mais que doa ver padecer, e por certo que seja o triste desenlace, o coração teima em não querer romper os últimos vínculos, e a esperança tenaz vai confortando os últimos desesperos. Não se compreende a necessidade da morte do pobre Alfredo, um rapaz afetuoso e bom, jovial e forte, que não fazia mal a ninguém, antes fazia bem a alguns e a muitos, porque é já benefício praticar um espírito agudo e um coração amigo.

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 250, p. 1, 6 set. 1896), SEMMA (p. 352-356) e SEM1953 (v. 3, p. 268-273). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> Alfredo Gonçalves era repórter na *Gazeta de Notícias* e faleceu, ainda jovem, em 3 de setembro de 1896. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 248, p. 1, col. 4, 4 set. 1896)

Quando anteontem calcava a terra do cemitério, debaixo da chuva que caía, batido do vento que torcia as árvores, lembrou-me outra ocasião, já remota, em que ali fomos levar um irmão do Alfredo. Nunca me há de esquecer essa triste noite. A morte do Artur foi súbita e inesperada. Prestes a ser transportado para o coche fúnebre, pareceu a um amigo e médico que o óbito era aparente, um caso possível de catalepsia. Não se podia publicar essa esperança débil, em tal ocasião, quando todos estavam ali para conduzir um cadáver; calou-se a suspeita, e o féretro, mal fechado, foi levado ao cemitério... Não podeis imaginar a sensação que dava aos poucos que sabiam da ocorrência, aquele acompanhar o saimento de uma pessoa que podia estar viva. No cemitério, feita reservadamente a comunicação, foi o caixão deixado aberto em depósito, velado por cinco ou seis amigos. O estado do corpo era ainda o mesmo; os olhos, quando se lhes levantavam as pálpebras, pareciam ver. Os sinais definitivos da morte vieram muito mais tarde.

Saí antes deles, eram cerca de oito horas; não havia chuva, como anteontem, nem lua, mas a noite era clara, e as casas brancas da necrópole deixavam-se ver muito bem, com os seus ciprestes ao lado. Descendo por aqueles renques de sepulturas, cuidando na estrada da esperança em lugar onde as suas asas nunca tocaram o pó ínfimo e último. Cuidei também naqueles que porventura houvessem sido, em má hora, transferidos ao derradeiro leito sem ter pegado no sono e sem aquela final vigília.

Carlos Gomes não deixará esperanças dessas. “Talvez ao chegarem estas linhas ao Rio de Janeiro, já não exista o inspirado compositor, que entrou em agonia,” diz uma carta do Pará, publicada ontem no *Jornal do Commercio*.<sup>2</sup> Pois existe, está ainda na mesma agonia em que entrou, quando elas de lá saíram. Hão de lembrar-se que há muitos dias um telegrama do Pará disse a mesma coisa; foi antes dos protocolos italianos.<sup>3</sup> Os protocolos vieram, agitaram, passaram, e o cabo não nos contou mais nada. O padecimento, assim longo, deve ser forte; a carta confirma esta dedução. Carlos Gomes continua a morrer. Até quando<sup>4</sup> irá morrendo? A ciência dirá o que souber; mas ela também sabe que não pode crer em si mesma.

Não me acuseis de teimar neste chão melancólico. O livro da semana foi um obituário, e não terás lido outra coisa, fora daqui, senão mortes e mais mortes. Não falemos do chanceler da Rússia,<sup>5</sup> nem de outro qualquer personagem, que a distância e a

<sup>2</sup> Ver *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 249, p. 1, col. 8, 5 set. 1896).

<sup>3</sup> Sobre os protocolos italianos, ver “A Semana – 222”, de 30 de agosto de 1896, especialmente as notas 2 e 8 – neste número da *Machadiana Eletrônica*.

<sup>4</sup> quando] o quando – em GN. Acolhemos a lição de Aurélio, que, aliás, já vinha em Mário de Alencar.

<sup>5</sup> Telegrama de Paris, datado de 31 de agosto (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 245, p. 1, col. 1, 1º set. 1896), dizia: “O ministro das relações exteriores da Rússia [Lobanov-Rostovsky, 1824-1896] faleceu efetivamente no trem imperial, na estação de Shepotowska [Shepetovka], que se acha situada na linha que vai de Brest-Litovsk [Brest-Litovsk], uma das estações de primeira ordem da rede das estradas de ferro da Rússia a Kiew [Kiev].”

natureza do cargo podem despir de interesse para nós. Mas vede as matanças de cristãos e muçulmanos na Salônica, esta semana, e finalmente em Constantinopla.<sup>6</sup> O cabo tem contado coisas de arrepiar. Na capital turca empregaram-se centenas de coveiros em abrir centenas de covas para enchê-las com centenas de cadáveres.<sup>7</sup> Não nos dizem, é verdade, se na morte ao menos foram irmanados cristãos e maometanos, mas é provável que não. Ódio que acaba com a vida, não é ódio, é sombra de ódio, é simples e reles antipatia. O verdadeiro é o que passa às outras gerações, o que vai buscar a segunda no próprio ventre da primeira, violando as mães a ferro e fogo. Isto é que é ódio. O provável é que os coveiros tenham separado os corpos, e será piedade, pois não sabemos se, ainda no caminho do outro mundo, o Corão não irá inticar<sup>8</sup> com o Evangelho. Um telegrama de Londres diz que Istambul está sossegada;<sup>9</sup> ainda bem, mas até quando?

Também começaram a matar nas Filipinas,<sup>10</sup> a matar e a morrer pela independência, como em Cuba.<sup>11</sup> A Espanha comove-se e dispõe-se a matar também, antes de morrer. É um império que continua a esboroar-se, pela lei das coisas, e que resiste. Assim vai o mundo esta semana; não é provável que vá diversamente na semana próxima.

E ainda não conto aquele gênero de morte que não está nas mãos dos homens, nem dentro deles, o que a natureza reserva no seio da terra para distribuí-la por atacado. Lá se foi mais uma cidade do Japão, comida por um terremoto, com a gente que tinha.<sup>12</sup> Os terremotos japoneses, alguns meses antes, levaram cerca de dez mil pessoas. O cabo fala também dos tremores na Europa, mas por ora não houve ali nenhuma Lisboa que

---

<sup>6</sup> Telegramas enviados de Londres informavam a respeito de conflito em Constantinopla, que teria ocasionado a morte de centenas de pessoas. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 242, p. 1, col. 1, 29 ago. 1896; e n. 247, p. 1, col. 1, 3 set. 1896) Outro telegrama, enviado de Berlim, noticiava que “corre ali [em Salônica] o boato de que diversos cristãos foram trucidados e outros feridos na Ásia Menor”. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 247, p. 1, col. 1, 3 set. 1896)

<sup>7</sup> Em telegrama enviado de Londres no dia 1º de setembro de 1896, publicado no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 246, p. 1, col. 7) no dia 2, lê-se: “O *Times*, falando dos horríveis massacres praticados pelas tropas e pela população turca, diz que o número de Armênios massacrados sobe a dois mil. / Outros jornais, porém, asseguram que esse número é muito mais avultado, chegando mesmo alguns a avaliá-lo em dez mil. / Sessenta coveiros abriram na passada quarta-feira no cemitério de Istambul, umas cem covas, que foram atulhadas de cadáveres das vítimas da medonha carnificina.”

<sup>8</sup> inticar] enticar – em SEM1953.

<sup>9</sup> Outro telegrama, enviado de Londres no dia 3 de setembro de 1896, e publicado no *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 248, p. 1, col. 5) no dia 4, diz que “sabe-se haver calma em Istambul”.

<sup>10</sup> Telegrama enviado de Madrid em 31 de agosto de 1896, publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 245, p. 1, col. 2) no dia seguinte, informa que “rebentou a revolução pela independência das ilhas Filipinas em Novaliches, nas cercanias de [...] Manila. / [...] três mil insurretos atacaram os espanhóis na noite de sábado, 29 do corrente. / Foram, porém, repelidos pelas tropas legais, que mataram sessenta homens, ferindo maior número.”

<sup>11</sup> Jornais da semana publicavam notícias e matérias relativas ao conflito entre Cuba e Espanha. Ver, por exemplo, na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 246, p. 2, col. 3, 2 set. 1896), o artigo intitulado “A Guerra de Cuba”.

<sup>12</sup> Em telegrama enviado de Tóquio, no dia 3 de setembro de 1896, publicado na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 248, p. 1, col. 1) no dia 4, lê-se: “Deu-se um violento terremoto no N.E. do Japão. A cidade de Rokugo foi completamente destruída pelo cataclisma. As vítimas são numerosas.”

algum Pombal restaure, nem outra Pompeia, que possa dormir muitos séculos.<sup>13</sup> Mortes, pode ser; a semana é de mortes.



### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 250, p. 1, 6 set. 1896. Disponível em:

<[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=14861](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14861)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

---

<sup>13</sup> Em 1º de novembro de 1755, um terremoto atingiu Lisboa, destruindo grande parte da cidade. A reconstrução foi planejada e iniciada por Sebastião José de Carvalho e Melo (mais tarde marquês de Pombal). Em 79 d.C., a erupção do Vesúvio destruiu Pompeia, que permaneceu encoberta por cinzas vulcânicas até meados do século XVIII, quando se iniciaram as escavações no sítio arqueológico.